

como sendo do que ele chamou “protestantismo guerreiro”⁴. Eram cânticos traduzidos das marchas militares da época da guerra civil americana em que Deus era representado como um general ou comandante a liderar seu exército na tarefa de exterminar os inimigos. O clássico hino “Vencendo vem Jesus” é o exemplo mais típico dessa hinologia, mas há também outros como “Avante, ó crentes, soldados de Jesus, contra hostes inimigas... o excelso comandante dirige os batalhões”.

Nos últimos anos esse protestantismo guerreiro ressurgiu com força especial, especialmente após a queda do muro de Berlim quando o comunismo já havia perdido o status de inimigo-mor dos protestantes. Os estudiosos do protestantismo brasileiro têm apontado para o fato de que as igrejas evangélicas no Brasil sempre dependeram de um inimigo contra o qual lutar a fim de mobilizá-la. Com a queda do comunismo, as igrejas ficaram meio que “órfãs” de um inimigo. A ética social nunca chegou a mobilizar poderosamente as igrejas evangélicas contra a pobreza e a injustiça e dificilmente iria conseguir fazer isso na década de noventa. Os inimigos mais próximos eram o movimento da “Nova Era” e as religiões afro-brasileiras. A partir daí o que se assistiu foi uma proliferação de estratégias de batalha espiritual, uma certa paranoia com o movimento da Nova Era e esses cânticos de protestantismo guerreiro, convocando os evangélicos a se alistarem no exército de Deus e marchar sobre a terra. As igrejas evangélicas perderam a grande oportunidade de solidificar uma ética social e transferiram suas energias para a batalha espiritual. Cristo novamente passou a ser definido como comandante, capitão ou general, cujos passos seguimos com a esperança de que nenhum inimigo nos resistirá.

De fato, as comunidades que assimilaram a eclesiologia do exército de Deus conseguiram grandes progressos quantitativos.

⁴ Mendonça, A.G. O Celeste Porvir - A inserção do Protestantismo no Brasil. SP, Paulinas, 1984.

Não há como negar que essa é uma estratégia capaz de mobilizar grandes contingentes, tal como foram as cruzadas e todos os movimentos de natureza conquistadora. As igrejas-exército cresceram rapidamente, embaladas por essas músicas, pelo louvor emotivo e por estratégias missionárias de clara inspiração bélica. Logo se tornaram poderosas, maiores e passaram a ditar os referenciais teológicos e a impor seu modelo como padrão para as comunidades menores. Dentro das próprias denominações algumas comunidades despontaram e cresceram rapidamente fazendo com que as menores se espelhassem naquele sucesso e os pastores saíssem correndo atrás do prejuízo como se fossem gerentes de filiais competindo pelos melhores lucros no balanço anual. O resultado que se vê hoje é essa crise de identidade à qual nos referimos, em que se mistura a rapidez das mudanças em nosso tempo, as novas demandas do contexto e o enfraquecimento teológico e litúrgico das denominações tradicionais.

Mas há outra eclesiologia presente na América Latina, que não se deixa seduzir pelo modelo do exército de Deus. Trata-se dos pequenos grupos, que preservam às duras penas uma espiritualidade mais sóbria e sacramental e tentam demonstrar com pequenos sinais a graça e o amor de Deus. Esses grupos não são muito visíveis por sua própria natureza. Muitas dessas pequenas comunidades não têm bandas com poderosas e ensurdecedoras caixas de som. Também não promovem cursos de batalha espiritual, pois sua batalha é muito mais concreta, travada no cotidiano. Simplesmente rezam confiantemente, agradecendo a Deus por ter Ele já vencido o Reino das trevas e suplicando seu auxílio no dia a dia. As grandes igrejas olham para esses pequenos grupos com um misto de pena e desprezo e consideram que tais grupos já perderam o bonde da história e estão fadados a morrer. Mas eu acredito que há nesses grupos que resistem à onda avassaladora da globalização evangélica, uma reserva de sentido inesgotável que é alimentada continuamente pela celebração

litúrgica e a vida sacramental. Essa reserva de sentido tem feito com que muita gente cansada da eclesiologia do exército de Deus, acabe buscando refugio nessas igrejas. Elas ainda terão um importante papel a desempenhar no futuro do cristianismo brasileiro e latino-americano.

Para qualificar esse modelo eclesiológico eu usaria a clássica expressão de Carlos Mesters: “flor sem defesa”. De fato, são grupos pequenos e frágeis, que florescem em meio à adversidade de espinhos e a um ambiente hostil e sufocante. Porém, confiam no poder misterioso da semente, na vitalidade da seiva que corre no caule de antigas tradições e no testemunho caracterizado pelo perfume, a beleza e a suavidade. São como lírios do campo que dependem tão somente da graça do próprio Deus para continuar a existir.

Geraldo Vandré nos anos sessenta compôs uma clássica canção de protesto e resistência contra as ditaduras militares. Falava da resistência pacífica dos que caminhavam e cantavam seguindo a canção. Numa determinada estrofe, ele descreve a presença dos exércitos militares nas ruas com todo seu poder de fogo, seus inúmeros soldados e canhões. Mas fala também da presença de um pequeno grupo de resistentes nas ruas, que “fazem da flor seu mais forte refrão” e “acreditam nas flores vencendo canhões”.

É assim que eu vejo o cenário evangélico brasileiro no que se refere à eclesiologia e a missiologia. Alguns grupos se renderam ao modelo do exército e vivem traçando planos e estratégia de conquista. Naturalmente não falam mais em colonização e conquista à força, mas suas estratégias induzem a isso na medida em que trabalham no sentido de enfraquecer os ouvintes a fim de conquistá-los. E se alegram quando ao final do ano contabilizam o número de vencidos e conquistados para suas fileiras. Ao mesmo tempo, há outros grupos, bem menores e mais frágeis. Porém, também são grupos cristãos. Continuam a se alimentar da Palavra e dos Sacramentos e às vezes se envergonham da pouca

visibilidade que têm na sociedade. Porém, alguns desses grupos estão seriamente empenhados em acompanhar a seu modo a Missio Dei. A resistência que demonstram frente ao modelo bélico que se impõe é uma resistência pacífica, sustentada pela celebração litúrgica e a vida sacramental à espera de um tempo mais favorável. Acredito sinceramente que no futuro, tais grupos que resistiram e que souberam remodelar sua identidade sem perder suas características essenciais hão de desempenhar importante papel no cristianismo brasileiro e latino-americano.

É por isso que, embora pareça utópico, eu sou um desses poucos que acredita nas flores vencendo canhões. ■

*Desafios Atuais da Educação Teológica Batista
Brasileira*⁵

Edson Martins⁶

CURRENT CHALLENGES OF THE BRAZILIAN BAPTIST
THEOLOGICAL EDUCATION By Edson Martins

Professor Edson Martins, Director of the Faculdade Teológica Batista do Paraná, analyses the challenges that Brazilian Theological Education has in Brazil because of some social and educational issues, such as the recognition of theological courses by the Brazilian Government.

“Disse o Senhor a Moisés: Por que clamais a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem.” Êxodo 14.15

Introdução

Em Êxodo 14.15 vemos um dos grandes desafios que o povo de Deus teve de enfrentar na saída do Egito. A primeira constatação é que Deus não nos livra de desafios. Ele os permite e até providencia alguns, embora, via de regra, não gostemos. A segunda verdade é que ele nos dá condições de vencer e a terceira é que devemos aprender com as experiências vividas. Hoje, a educação teológica também tem os seus desafios. E não são poucos.

⁵ Palestra proferida na abertura do ano letivo da Faculdade Teológica Batista do Paraná, em 12/02/2001.

⁶ Diretor da Faculdade Teológica Batista do Paraná, mestrando em Educação pela Universidade Federal do Paraná.

Tive o privilégio de conhecer quatro instituições batistas brasileiras: a Faculdade Teológica Batista de São Paulo, onde fui aluno e professor; o Seminário Teológico Batista Ana Wollerman, onde fui professor e diretor; o Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, onde fui aluno do mestrado e atualmente sou membro da Junta Administrativa; e o Seminário Teológico Batista do Paraná, hoje Faculdade, onde sou professor e diretor.

Destas quatro realidades diferentes creio que posso tecer algumas considerações, ainda que inconclusas, acerca da educação teológica batista brasileira.

Não é preciso muito esforço para perceber que a sociedade esteve e está em constante mudança. Porém, devido aos avanços tecnológicos e à rapidez com que os meios de comunicação mostram e utilizam este progresso, temos a sensação de que as mudanças ocorridas e que estão a ocorrer estão rápidas demais. Tão rápidas que nem sempre é possível acompanhá-las.

Por isto é que Manoel Alves Guerra já dizia em 1973: “Assim, o nosso mundo vai se tornando uma imensa ‘aldeia global’ para usarmos a consagrada expressão de McLuhan, onde as várias culturas se interpenetram e se tornam conhecidas de todos os homens. Desta forma, também aqui no Brasil não escapamos deste fenômeno, e estamos sendo violentamente arremessados para fora de nossos ‘ghettos’, outrora bem cuidados e defendidos, e estamos nos tornando cada vez mais cidadãos do mundo”.⁷

Diante desta realidade, apresento os que, a meu ver, seriam os desafios mais significativos para a educação teológica batista brasileira.

1. O Decréscimo do Subsídio Estrangeiro

⁷ GUERRA, Manoel Alves. O exercício da Teologia numa época de transição, p. 17.

Nós, batistas brasileiros, além de termos recebido um grande patrimônio em propriedades, durante muito tempo fomos ajudados pelo suporte financeiro que as missões estrangeiras (principalmente a dos Batistas do Sul dos EUA) enviavam para as nossas instituições. Isto acabou acarretando um grande problema cujos reflexos sentimos até hoje: o sentimento de pobreza e um modelo de administração calcado em subsídios.

O sentimento de pobreza é bastante visível quando se nota que não há recursos financeiros para manter o grande patrimônio herdado, quanto mais para modernizá-lo ou ampliá-lo. Isto acaba gerando uma frustração muito grande, tanto na instituição quanto na entidade mantenedora. No nosso caso, desde 1986, com a saída do Pr. David Grainger (Missionário Inglês) da reitoria do Seminário Teológico Batista do Paraná, a instituição tem se mantido com recursos próprios, ajudado por um pequeno percentual do Plano Cooperativo da Convenção Batista Paranaense, e o desafio é recuperar o patrimônio e ampliá-lo, de forma a atender de forma satisfatória a demanda, que ora presenciamos.

Não estou lamentando e nem advogando a volta ao passado do “quem paga, manda”. Sou grato a Deus pelo que os missionários fizeram. Sou grato a Deus pelo fato dos brasileiros estarem administrando as instituições no presente. Temos condições para isso. O desafio que se nos impõe hoje é administrar com os poucos recursos disponíveis, conscientes de que o tempo das “vacas gordas” acabou e que é preciso “cair na real”.

2. Educação Teológica para o Aluno Trabalhador

Como pode o aluno custear seus estudos Teológicos? Herdamos uma visão importada, que defendia que uma instituição teológica deveria ser retirada da cidade, com muito espaço para internatos, moradias para administradores, professores e demais funcionários. O ideal era que o aluno só estudasse. E assim foi por muito tempo, enquanto duraram os subsídios.

Porém, com o aumento do custo de vida, das despesas das instituições e as carências das igrejas locais, poucos são os privilegiados que apresentam condições para só estudarem. A realidade é que a maioria dos alunos precisa trabalhar durante o dia para estudar à noite, com todas as dificuldades que isso acarreta.

Mas, apesar das dificuldades, há benefícios nesta luta. Um deles é o contato que o aluno tem com a sociedade em geral, com os dilemas de um mundo sofredor. O aluno interno de tempo integral corre o risco de alienar-se e certamente terá dificuldade em adaptar-se à realidade depois de formado.

Não é o ideal, mas é a nossa realidade. Realidade que a Faculdade Teológica Batista de São Paulo soube captar desde a sua implantação, em 1957, oferecendo somente o curso noturno para os trabalhadores e um pequeno internato para quem viesse de fora. Não é mais tempo para formação de grandes estruturas.

3. A Questão do Ministério Feminino

Inúmeros são os indicadores que apontam para um crescimento da participação feminina em todas as áreas, mesmo naquelas que antes eram restritas apenas aos homens.⁸ Hoje, no Brasil, elas são maioria nas universidades, nos concursos públicos e também nas igrejas.

⁸ NAISBITT, John & ABURDENE, Patrícia. *Megatrends 2000*, p. 252.

Nas instituições teológicas o número de alunas está crescendo no curso Bacharel em Teologia. Em nossa instituição, de 219 matriculados no bacharelado em teologia no início do ano passado, 71 eram mulheres, o que dá mais de um terço do total. É provável que tal realidade se reproduza em outras instituições, o que tem trazido inquietações a muita gente. Ouvi do pastor Paschoal Piragine (Primeira Igreja Batista de Curitiba) que as previsões missiológicas apontam que o contingente feminino será a grande força missionária das próximas décadas.

Sem querer entrar no mérito do assunto da ordenação feminina ao ministério pastoral, até porque não possuo uma posição definitiva, vejo que é preciso tecer algumas considerações:

- é inegável que as mulheres estão cada vez mais ocupando espaços até há pouco tempo inimagináveis;

- além de serem maioria nas igrejas, muitas delas são líderes e embora não falem abertamente, aspiram ao reconhecimento formal de seu trabalho pastoral;

- mesmo sem muito incentivo de seus líderes, cresce o número de mulheres cursando teologia, tanto na graduação quanto na pós-graduação;

- mesmo não dependendo das instituições teológicas, já que as decisões quanto às ordenações devem ser tomadas nas instâncias igrejas e Ordens de Pastores, inevitavelmente temos de responder às perguntas: “Por que as mulheres podem estudar teologia, mas não podem pastorear?”. “Por que elas servem para serem missionárias, mas não para pastoras?”, “Por que existem tão poucas professoras de teologia?”. “Não é estranho que tenhamos reitoras de Seminários, mas não pastoras?”

- Atualmente temos duas pastoras na Convenção Batista Brasileira: uma em São Paulo, que foi consagrada sob grande celeuma e uma em Fortaleza, Ceará, que teve o aval das principais lideranças daquele Estado.

Minha conclusão a este respeito é que ainda que o assunto incomode, a muitos (inclusive a mim), ele deve ser tratado sem medo. A irmã Carolyn Plampin desde a década de sessenta escrevia defendendo a biblicidade da ordenação feminina. Para os que não sabem, Carolyn Plampin é esposa do Pr. Richard Plampin, que dirigiu esta instituição por 20 anos, de 1959 a 1979.

Desconfio que logo haverá necessidade de definições a este respeito. Quem as dará?

4. O Reconhecimento do MEC

Eis aqui uma grande mudança no âmbito Teológico brasileiro: A regulamentação e o reconhecimento do bacharel em teologia por parte do Ministério da Educação veio abrir um novo capítulo na história da teologia no Brasil. Era um anseio de longa data, que certamente vai mudar radicalmente alguns aspectos das instituições teológicas. Por isso, vemos que a possibilidade do reconhecimento traz esperanças e apreensões. Talvez mais apreensões pelas mudanças que se farão necessárias diante do nosso jeito lento de mudar as coisas e o medo natural diante de novo.

Em primeiro lugar, o grande desafio é tranquilizar os líderes que temem uma secularização do ensino teológico e uma ingerência governamental sobre as instituições teológicas. O controle existe sim, mas não sobre o currículo, que é livre, mas sobre as condições gerais da instituição. Mas, pesando todos os itens, vê-se que a educação teológica brasileira terá muito a ganhar com a regulamentação.

Em primeiro lugar, a instituição ganhará credibilidade. Até hoje não havia meios de separar formalmente as instituições sérias daquelas que não mereciam crédito. Estas, sem biblioteca, sem salas de aula adequadas, sem professores qualificados e remunerados e sem seriedade, conferiam e conferem diplomas de bacharel em teologia. Isso vai acabar. .

Os professores ganharão. O MEC incentiva a contratação de professores qualificados e em permanente qualificação, que produzam conhecimento científico e que tenham uma remuneração condigna, dentro de um claro programa de cargos e salários.

Os alunos ganharão, pois além de receberem um ensino sério e qualificado, receberão um diploma reconhecido pelo MEC que os habilitará a fazerem cursos de pós-graduação em universidades públicas ou privadas, mesmo em áreas não teológicas. Embora não seja esse o objetivo, mas se alguém quiser, poderá prestar concurso público em que se exige diploma de curso superior.

As mantenedoras ganharão, pois além de toda a supervisão interna feita à instituição, como os Conselhos Fiscais fazem, esta terá ainda que submeter-se a uma auditoria externa e enviar o resultado ao MEC, dando mais segurança aos administradores.

Claro está que muitas ações a serem implementadas para a regulamentação do curso redundarão em aumento de despesas, que naturalmente será coberto com o aumento das receitas. Não há o que temer com a regulamentação.

Creio que, no futuro, a educação teológica no Brasil estará dividida entre o ensino confessional, ministrado pelas instituições ligadas às igrejas e o ensino Teológico livre, mais teórico e filosófico, ministrado pelas universidades, como a Mackenzie, a Universidade Federal de Juiz de Fora e as PUCs.

5. O Perfil de Formandos que desejamos

Aqui reside provavelmente o maior desafio que as instituições teológicas enfrentam e enfrentarão. O que fazer nos quatro anos de duração do curso. E uma pergunta crucial surge: “É o curso Teológico um curso profissionalizante, uma máquina de fazer pastores ou um curso que vise a formação de um servo de